

O PERFUME NA FICÇÃO DE CLARICE LISPECTOR

Juscilândia Oliveira Alves Campos*
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Antônia Torreão Herrera

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar a construção das imagens olfativas na ficção de Clarice Lispector, principalmente as sugeridas pelos diversos perfumes, pois representam situação máxima de assimilação com o mundo e com o próprio ser.

Palavras-chave: Literatura. Clarice Lispector. Cheiro. Perfume.

ABSTRACT

This work is to study the construction of olfactory images in fiction of Clarice Lispector, mainly those that are suggested by various perfumes because it represent situation maximum assimilation with the world and being itself.

Key words: Literature. Clarice Lispector. Smell. Perfume.

Na obra de Clarice Lispector é forte a incidência de imagens que tentam capturar o perfume das coisas. É como se a autora, em determinados momentos, observasse a realidade ao redor, especialmente por meio do olfato, pois o contato com odores e perfumes desencadeia sensações e sentimentos múltiplos e inesperados, que são posteriormente transformados em linguagem subjetiva.

É importante salientarmos que, apesar de este trabalho realçar as imagens ligadas ao olfato na ficção clariciana, os outros sentidos, embora de forma menos perceptiva, também atuam na construção das sensações olfativas, pois os sentidos, mesmo sendo distintos, dialogam constantemente entre si.

De acordo com Merleau-Ponty (1996, p. 299), “não é contraditório nem impossível que cada sentido constitua um pequeno mundo no interior do grande, e é até mesmo em razão de sua particularidade que ele é necessário ao todo e se abre a este”. Para o filósofo, os sentidos são diferentes uns dos outros, pois cada um possui as respectivas especificidades mediante à própria “estrutura de ser”, porém eles estão interligados, visto que estabelecem uma comunicação entre si, proporcionando ao corpo o acesso ao mundo.

* Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.
E-mail: landacampos@yahoo.com.br

Na ficção clariciana os sentidos também se abrem ao mundo em busca de uma apreensão do outro, de si e do próprio mundo, como, por exemplo, as imagens olfativas que se referem ao perfume das coisas, de modo a tentar lhes capturar o ser.

Na própria vida de Clarice Lispector, notamos a influência do perfume no respectivo cotidiano e no estado anímico. Em carta, datada de 11 de dezembro de 1970, destinada à amiga Olga Borelli, a romancista refere-se à relação com um determinado perfume:

Precisamos conversar. Acontece que eu achava que nada mais tinha jeito. Então vi um anúncio de uma água de colônia da Coty, chamada Imprevisto. O perfume é barato. Mas me serviu para me lembrar que o inesperado bom também acontece. E sempre que estou desanimada, ponho em mim o Imprevisto. Me dá sorte. Você, por exemplo, não era prevista. E eu imprevistamente aceitei a tarde de autógrafos. (LISPECTOR *apud* GOTLIB, 1995, p. 396).

O texto sugere que a autora escolheu o perfume principalmente por causa do jogo ambíguo que o nome da colônia proporciona. Colocar o “Imprevisto” no corpo pode significar usar o perfume ou lançar-se à sorte do acaso, portanto, colocar o “Imprevisto” seria um meio de driblar o desânimo.

O livro *Correio Feminino* (2006), coletânea de textos extraídos de suplementos femininos dos jornais *Correio da Manhã*, *Comício* e *Diário da Noite*, da autora Clarice Lispector, mas assinados por pseudônimos, apresenta conselhos e comentários sobre moda, beleza, dentre outras questões de interesse feminino, como, por exemplo, o ato de perfumar-se:

Não aplique perfume na roupa. Você estragará ambos. A roupa pode manchar. E o perfume termina por ficar muito cru e sem mistério. O mais recomendado é passar o perfume na pele. Esta absorve-o, e o resultado é mais pessoal. Você ganhará um perfume que ninguém tem totalmente igual, pois nem todos têm sua pele, com seu odor próprio e com seu grau de calor. Sua pele absorve o perfume e devolve-o com acréscimo de você mesma. Daí em diante, o perfume não se chamará mais, digamos, "Me adorem, por favor", mas passará a se chamar "O me adorem, por favor, da Maria" - isto na suposição de que uma de vocês se chame Maria. (CF, p. 98).¹

Para Clarice Lispector, o perfume deve conter um mistério, que seria o odor resultante do contato com a pele de cada pessoa. Portanto, o perfume atua como meio de reforçar a identidade do ser, visto que reage diferentemente em cada corpo, produzindo odores pessoais que reforçam a individualidade do ser. Neste sentido, o

¹ Todas as citações retiradas da obra de Clarice Lispector serão doravante designadas pelas respectivas siglas: AV (*Água Viva*), ALP (*Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*), ApV (*Aprendendo a viver*), CF (*Correio feminino*), FC (*Felicidade clandestina*), L (*O lustre*).

perfume não seria apenas puramente perfume, mas ganharia a particularidade daquele que o usa. A autora ainda adverte que o perfume deve ser colocado diretamente na pele, não na roupa, pois “entre passar perfume na roupa e na pele, há uma diferença mais ou menos comparável àquela que existe entre um vestido pendurado no cabide e usado no corpo” (CF, p. 98). Tanto o perfume quanto o vestido só alcançarão as formas específicas quando estiverem no corpo de quem os escolheu. Perfume e vestido ganham formas diversificadas em corpos diferentes. Aqui Clarice Lispector desenvolve um estudo quase fenomenológico sobre o ato de perfumar-se.

No decorrer da obra, perfumar-se associa-se mais intensamente à confirmação do ser. Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), a personagem Lóri não revela o perfume a ninguém, porque estaria desnudando parte da própria identidade. Perfumar-se, para Lóri, é quase ritual:

Lóri se perfumava e essa era uma das suas imitações do mundo, ela que tanto procurava aprender a vida – com o perfume, de algum modo intensificava o que quer que ela era e por isso não podia usar perfumes que a contradiziam: perfumar-se era de uma sabedoria instintiva, vinda de milênios de mulheres aparentemente passivas aprendendo, e, como toda arte, exigia que ela tivesse um mínimo de conhecimento de si própria: usava um perfume levemente sufocante, gostoso como húmus, como se a cabeça deitada esmagasse húmus, cujo nome não dizia a nenhuma de suas colegas-professoras: porque ele era seu, era ela, já que para Lóri perfumar-se era um ato secreto e quase religioso. (ALP, p. 24).

Por meio da personagem Lóri, a autora relata que se perfumar exige certo reconhecimento de si, pois a escolha errada do perfume, em vez de afirmação da identidade, seria a negação desta. O perfume diz tanto da interioridade da mulher, que um e outro se tornam uma unidade e, por isso, um segredo.

Na crônica “Sem título”, contida na obra *Aprendendo a viver* (2004), a narradora confessa a felicidade de perfumar-se e a necessidade de manter o nome dos perfumes em segredo, visto que, se os revelasse, estaria expondo o íntimo:

Para tornar o encontro de hoje de tarde alegre vou me vestir muito bem e me perfumar. E, se falarmos, serão palavras de alegria. Que perfume usarei? Acho que já sei qual. Não digo que perfumes eu uso: são o meu segredo. Uso perfume para mim mesma. Estou lembrando de meu pai: ele dizia que eu era muito perfumada. Meus filhos também são. É um dom que Deus dá ao corpo. Humildemente agradeço. (ApV, p. 31).

Aqui o perfume é elemento propiciador de alegria, e a capacidade que o corpo tem de tornar-se perfumado assume posição de dádiva divina. Já na crônica “Jasmim”, o perfume é morte e renascimento: “Mas falei em perfume. Lembro-me do

jasmim. Jasmim é de noite. E me mata lentamente. Luto contra, desisto porque sinto que o perfume é mais forte do que eu, e morro. Quando acordo, sou uma iniciada” (ApV, p. 83). O jasmim sugere à autora os odores noturnos e seu perfume é irresistível para a cronista, pois, devagar, a vence por completo. O aroma das flores, na obra clariciana, desperta impressões inusitadas advindas de uma percepção extremamente aguçada. No texto “Rosas silvestres”, o perfume das flores provocam na narradora a vontade de viver: “Só esta expressão *rosas silvestres* já me faz aspirar o ar como se o mundo fosse uma rosa crua. Tenho uma grande amiga que me manda de quando em quando rosas silvestres. E o perfume delas, meu Deus, me dá ânimo para respirar e viver” (ApV, p. 136). O mundo com cheiro de rosa crua anuncia a qualidade de indomável que há no cheiro das rosas silvestres. Indomável porque, mesmo morrendo, essas rosas continuam perfumando e de forma ainda mais intensa:

As rosas silvestres têm um mistério dos mais estranhos e delicados: à medida que vão envelhecendo vão perfumando mais. Quando estão à morte, já amarelando, o perfume fica forte e adocicado, e lembra as perfumadas noites de lua de Recife. Quando finalmente morrem, quando estão mortas, mortas – aí então, como uma flor nascida no berço da terra, é que o perfume que se exala delas me embriaga. (ApV, p. 136).

Embora mortas, o aroma das rosas persistem, pois “elas têm a alma viva”. Então como descartá-las? A narradora encontra uma resposta para eternizar o perfume dessas flores: “Resolvi a situação das rosas silvestres mortas, despetalando-as e espalhando as pétalas perfumadas na minha gaveta de roupas” (ApV, p. 137). O fato de continuar perfumando, mesmo morta, de certa forma, perpetua a vida da flor, o que causa na cronista uma vontade de ser como as rosas silvestres: “Era assim que eu queria morrer: perfumando de amor. Morta de exalando a alma viva” (ApV, p. 137). Mas é em *Água viva* (1973) que Clarice Lispector desenvolve uma fenomenologia das flores, pois sente, analisa, cheira, estuda o sexo, a feminilidade e o comportamento de cada uma, começando pela rosa:

A rosa é a flor feminina que se dá toda e tanto que para ela só resta a alegria de se ter dado. Seu perfume é mistério doido. Quando profundamente aspirada toca no fundo íntimo do coração e deixa o interior do corpo inteiro perfumado. O modo de ela se abrir em mulher é belíssimo. As pétalas têm gosto bom na boca – é só experimentar. Mas rosa não é it. É ela. As encarnadas são de grande sensualidade. As brancas são a paz de Deus. (...) As amarelas são de um alarme alegre. As cor-de-rosa são em geral mais carnudas e têm a cor por excelência. As alaranjadas são produto de enxerto e são sexualmente atraentes. (AV, p. 67).

As aproximações entre mulher e rosa são intensamente realçadas. Assim como as mulheres devem guardar segredo em relação aos seus perfumes, as rosas também possuem um mistério diante do próprio aroma. Além disso, há rosas e mulheres de todo tipo, desde as mais alegres e pacíficas, às mais carnudas e sexualmente atraentes.

Os cravos também são retratados pela narradora de *Água viva*, só que, diferentes das rosas, causam aflição, pelo aroma agressivo e textura: “o cravo tem uma agressividade que vem de certa irritação. São ásperas e arrebitadas as pontas de suas pétalas. O perfume do cravo é de algum modo mortal. Os cravos vermelhos berram em violenta beleza” (AV, p. 67). Assim como o perfume do cravo, a linguagem usada para descrevê-lo é hostil, pois a autora utiliza palavras como irritação, ásperos, agressividade, berram e violência. Já a violeta é “introvertida e sua introspecção é profunda. Dizem que se esconde por modéstia. Não é. Esconde-se para poder captar o próprio segredo. Seu quase-não-perfume é glória abafada mas exige da gente que o busque. Não grita nunca o seu perfume” (AV, p. 68). A violeta é flor que possui discricção tanto na forma quanto no aroma. O segredo e a atração estão-lhe, justamente, na intensa suavidade do perfume, que chega a ser quase sem cheiro, é preciso que a inalação seja próxima para senti-lo, por isso a narradora diz que é preciso ir buscá-lo, visto que “a violeta diz levezas que não se podem dizer” (AV, p. 68).

A angélica é descrita como perigosa, pois “tem perfume de capela. Traz êxtase. Lembra a hóstia. Muitos têm vontade de comê-la e encher a boca com o intenso cheiro sagrado” (AV, p. 69). O perfume da angélica representa o prazer advindo pelo sagrado, e para ressaltá-lo, a narradora recorre à sinestesia realizada por meio da comunhão entre a boca e o olfato. A dama-da-noite também é vista pela narradora como fonte de perigo, mas, por ser “fantasmagórica e um pouco assustadora”, visto que é flor “para quem ama o perigo. Só sai de noite com o seu cheiro tonteador” (AV, p. 69). A dama-da-noite tem perfume noturno, “perfume de lua cheia”, porque se faz muito presente, com cheiro extremamente forte, em ambientes em trevas ou de luzes apagadas, daí o motivo de ser perigosíssima, já que é “um assobio no escuro, o que ninguém agüenta” (AV, p. 69), a não ser a narradora que se diz feita para o perigo.

Para Clarice Lispector, a flor de cáctus representa a oposição da abundância diante da secura do deserto. Ser suculenta, grande, cheirosa e de cor brilhante, conforme a autora, “é a vingança sumarenta que faz a planta desértica. É o esplendor nascendo da esterilidade despótica” (AV, p. 69). Por meio desse jogo floral, Clarice Lispector declara impressões diante dos perfumes tanto das flores quanto das mulheres e acaba

traçando uma diversidade de personalidades, que mostram as marcas de sedução não só das flores, como das mulheres.

Na crônica “Primavera se abrindo”, no livro *Aprendendo a viver*, Clarice Lispector relata a respeito de uma planta, a primula, que ganhou de uma amiga. Quando a primavera se aproxima, as folhas da primula morrem e, em lugar delas, nascem inúmeras flores fechadas, que “têm um perfume feminino e masculino que é extremamente estonteador” (ApV, p. 85). De acordo com a autora, não só o perfume da planta é indefinível, a própria primula também guarda um mistério, pois ela “é dona do segredo da natureza”, ou melhor, do segredo do cosmos: “O segredo destas flores fechadas é que exatamente no primeiro dia da primavera elas se abrem e se dão ao mundo. Como? Mas como sabe essa modesta planta que a primavera acaba de se iniciar?” (ApV, p. 85). A planta anuncia aquilo que o título do texto já denuncia, a primavera se abrindo, fato que, segundo a cronista, só poderia ser explicável por uma presença divina. Na crônica, “Eu sei que é primavera”, a estação, conforme Clarice Lispector, tem cheiro e é por meio dele que lhe pressente a chegada: “Sei o que é primavera porque sinto um perfume de pólen no ar, que talvez seja o meu próprio pólen, sinto estremecimentos à toa quando um passarinho canta, e sinto que sem saber eu estou reformulando a vida. Porque estou viva” (ApV, p. 84). A primavera é, para a autora, manifestação da vida, e o cheiro de pólen talvez seja uma alusão à fertilidade que a primavera traz consigo ou à fertilidade do próprio corpo da narradora. Já o inverno, no romance *O lustre* (1946), é percebido pela autora como a estação em que “o cheiro se amansava, a lama apaziguava o campo” (L, p. 49). No inverno, os perfumes são mais suaves e leves que na primavera, semelhantes aos seres vivos que estão mais ensimesmados. A estação transmite mansidão: “no inverno, a vida tornava-se atenta a si mesma, compreensiva e íntima” (L, p. 49). Nesta estação, a vida está mais tranquila, pois está voltada para si, o que causa ao ambiente menos movimentos, sons, cores e odores.

Além das estações, os dias da semana possuem aromas característicos: “Que perfume, é domingo de manhã” (ApV, p. 89). O cheiro peculiar faz a narradora perceber que é domingo de manhã e não outro dia qualquer da semana. O olfato não é apenas um sentido de percepção, é também memória e associação de perfumes a coisas, fatos, sentimentos, sensações e momentos.

O mar é outro elemento que tem cheiro bastante aludido na obra clariciana. Na crônica “Banhos de mar”, a narradora conta sobre a temporada de banhos marítimos em Olinda, pois o pai acreditava que, a cada ano, se devia fazer uma cura desses banhos

e que estes deveriam acontecer antes do sol nascer. Para a banhista, o mar é tão envolvente quanto o odor: “O cheiro do mar me invadia e me embriagava” (ApV, p. 8). Em “O mar de manhã”, a cronista decide descrever o cheiro do mar, porque considera que, desse jeito, poderá falar do mar de uma forma melhor: “Vou falar do cheiro do mar que às vezes me deixa tonta. (...) Como explicar que o mar é o nosso berço materno mas que seu cheiro seja todo masculino; no entanto berço materno? Talvez se trate da fusão perfeita do masculino com o feminino” (ApV, p. 83). De acordo com a cronista, o mar é feminino, embora o cheiro seja masculino. Esta contradição não o inferioriza, pelo contrário, talvez seja o ponto de sedução. No conto “As águas do mundo”, em *Felicidade Clandestina* (1971), Clarice Lispector narra o encontro de uma mulher com o mar. E o cheiro a faz perceber melhor o mundo, como se ela acordasse para a própria vida: “o cheiro é de uma maresia tonteante que a desperta de seus mais adormecidos sonos seculares. E agora ela está alerta, mesmo sem pensar, como um caçador está alerta sem pensar” (FC, p. 145). O cheiro marítimo intensifica os instintos e as sensações da mulher, aguçando-os, o que a torna mais sensível para a apreensão do mundo.

Além do mar, a terra também possui perfume. No romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, a personagem Lóri precisa perfumar-se assim como a terra: “passou perfume na testa e no nascimento dos seios – a terra era perfumada com cheiro de mil folhas e flores esmagadas” (ALP, p. 23-24). Na obra clariciana, uma das formas de a mulher aproximar-se do ser é perfumando-se, e de apreender o mundo que a cerca é sentindo o perfume dos seres, como, por exemplo, das flores, do mar e da terra:

Já falei do perfume do jasmim? já falei do cheiro do mar. A terra é perfumada. E eu me perfumo para intensificar o que sou. Por isso não posso usar perfumes que me contraiem. (...) Uso um perfume cujo nome não digo: é meu, sou eu. Duas amigas já me perguntaram o nome, eu disse, elas compraram. E deram-me de volta: simplesmente não eram elas. Não digo o nome também por segredo. É bom perfumar-se em segredo. (ApV, p. 90).

Para Clarice Lispector, o perfume desperta e confirma a individualidade de cada um, portanto deve ser um segredo, pois perfumar-se na frente do outro ou revelar o nome do perfume usado seria desnudar-se, expor o que há de mais íntimo no ser. Diante disso, a autora sugere: “Cerque sua presença de um halo de perfume, e você estará se cercando de seu próprio mistério – você não estará mentindo, estará dizendo a verdade de um modo bonito” (CF, p. 97). O perfume é presença assim como a personalidade:

“perfume é coisa que se anuncia por si mesmo: todos sentem que você se perfumou, e não há como desmenti-lo”, e a personalidade “é aquilo que, embora indefinível, faz de você uma presença” (CF, p. 97). Perfume e personalidade são espontaneamente percebidos e sentidos pelos outros e não intencionalmente demonstrados.

No texto “Perfume, a mais antiga das armas”, que faz parte da coletânea *Correio feminino*, a autora aconselha as leitoras a nunca se perfumarem diante do ser amado, com isso, elas não estariam escondendo a realidade, porém a cercando de um “esquivo mistério”: “perfumar-se diante de um homem seria, por assim dizer, como oferecer-lhe um vidro de perfume. E o que este tem de fazer por você é misturar-se de tal modo a você mesma que sua presença seja imaterial e se torne parte de sua personalidade” (CF, p. 97). Por isso, no texto “O perfume deve anunciar a presença da mulher”, Clarice Lispector esclarece que a mulher não é frasco nem anúncio de perfume, sendo assim, deve estar perfumada discretamente, evitar exageros na quantidade do perfume a ser usado: “O perfume acentua sua presença. Você gostaria de ser ‘acentuada’ aos gritos? Muito perfume significa para o olfato o que a voz alta estridente significa para os ouvidos” (CF, p. 97). Além da quantidade do perfume, a colunista sugere também como a mulher deve se perfumar:

Uma gota atrás de cada orelha. Outra gota em cada pulso. Uma ou outra na nuca. Se quiser, outras duas no interior do cotovelo – e com esse estranho ‘interior de cotovelo’ quero dizer nas dobras dos antebraços com os braços. Gotinha nas têmporas. E assim, a cada movimento seu também o perfume se movimentava. (CF, p. 99).

Tanto nos textos claricianos dos suplementos femininos quanto na ficção, as sensações olfativas, que são sugeridas principalmente pelos diversos perfumes, representam situação máxima de assimilação com o mundo e com o próprio ser. Através das imagens olfativas, o mundo e as coisas se tornam mais visíveis. Clarice convida o leitor a usar o olfato não só para sentir os odores, mas principalmente para tocar, compreender e viver este mundo a partir dos diversos cheiros presentes nele, portanto, a busca dos perfumes seria a busca de si e da realidade que nos cerca.

REFERÊNCIAS

GOTLIB, Nádya B (1995). **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática.

LISPECTOR, Clarice (1976). **Água viva**. São Paulo: Círculo do Livro S.A.

_____ (2004). **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (2006). **Correio feminino**. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (1998). **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (1999). **O lustre**. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (1993). **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MERLEAU-PONTY (1996). **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes.